

Comportamento Semanal de Mercado

12 a 19 de julho



Maior risco com o cenário político

Com os sinais de perda de ímpeto da atividade e do mercado de trabalho, cresceu o sentimento de que o processo de desinflação seguirá de forma sustentável, viabilizando o início de flexibilização monetária pelo *Federal Reserve* (Fed). Porém, apesar do cenário mais favorável, a semana apresentou uma maior aversão ao risco e volatilidade por causa de fatores relacionados ao cenário político nos EUA, movimento que foi intensificado pela materialização de risco cibernético de impacto internacional.

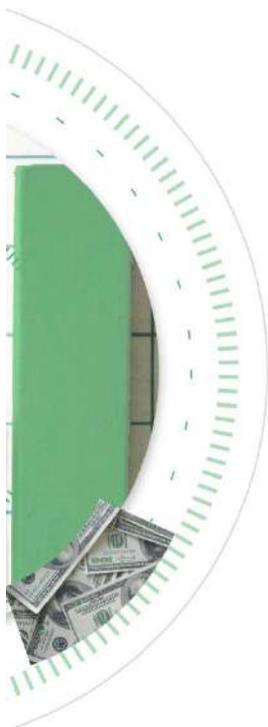
Na semana, mesmo com a elevação da probabilidade de que ocorram 3 cortes de -0,25 p.p. na taxa básica de juros ainda em 2024 de 40,5% para 42,0%, o retorno das *T-Notes* de 10 anos elevou-se em 0,07 p.p. para 4,25% a.a.. Neste contexto, as principais bolsas internacionais apresentaram perdas. Em consonância com o aumento da aversão ao risco, o *Dollar Index* subiu 0,29% no período, enquanto o índice para moedas emergentes em relação ao dólar recuou -1,33%. Para esse último movimento, contribuiu ainda os sinais de intervenção do Banco Central do Japão (BoJ) para sustentação do iene. Com pior desempenho, o real depreciou-se em 3,10%, com o dólar cotado a R\$ 5,60.

Acompanhando a deterioração na percepção de risco, a taxa real de juros *ex-ante* acumulou na semana uma alta de 0,20 p.p. para 7,16% a.a., adentrando-se ainda mais em terreno contracionista. As projeções para a Meta Selic no Boletim Focus não sofreram alterações. Para o final de 2024, a taxa continuou em 10,50% a.a.. Dessa forma, com reduções de -0,25 p.p. em maio, junho, setembro e dezembro, a Selic alcançaria 9,50% a.a. ao final de 2025.

Com a expectativa da manutenção dos juros básicos em nível mais restritivo por um período maior, a projeção para o PIB para 2025 reduziu-se de 1,97% para 1,93%. Em um cenário com a divulgação de um contingenciamento de R\$ 3,8 bilhões e bloqueio de despesas de R\$ 11,2 bilhões em 2024, que objetiva o cumprimento das metas do arcabouço fiscal, a projeção no Focus para o déficit primário para 2024 ainda continuou em -0,70%.

Para a semana que se inicia, a atenção deverá estar voltada para os desdobramentos nos ativos financeiros dos novos contornos para a sucessão presidencial nos EUA. Do lado econômico, é importante acompanhar o impacto da temperatura da prévia do PIB no 2T24 e do Deflator dos Gastos de Consumo Pessoal (PCE), além dos dados de renda e gastos pessoais, na evolução da política monetária que será conduzida pelo Fed.

Na agenda local, os destaques ficam para: a reunião do Conselho Monetário Nacional (CMN); o IPCA-15; estatísticas do crédito e do setor externo; sondagens da FGV; o resultado primário; e a arrecadação federal.



Expectativas

No Boletim Focus do Banco Central (BC), a desancoragem das expectativas inflacionárias continuou acompanhando o recente processo de depreciação cambial. No curto prazo, com o cenário de bandeira amarela na tarifa de energia elétrica e o aumento dos combustíveis, a mediana das projeções para o IPCA de julho subiu de 0,23% em 12/07 para 0,28% em 19/07, para agosto de 0,11% para 0,15% e para setembro de 0,19% para 0,20%. Assim, o indicador para 2024 passou de 4,00% para 4,05% (3,98% há 4 semanas). No horizonte relevante para a política monetária, a mediana das estimativas para 2025 continuou em 3,90% (3,85% há 4 semanas). Já para os anos de 2026 e 2027, a estimativa permanece há 4 semanas em 3,60% e 3,50%, respectivamente.

Com o aumento na semana dos prêmios de riscos, a inflação implícita calculada pela Anbima, a partir dos preços das negociações de títulos públicos, registrou uma alta de 0,01 p.p para 4,42% para o prazo de 1 ano, de 0,09 p.p. para 4,82% para o de 2 anos e de 0,13 p.p. para 5,10% para o de 3 anos.

As projeções para a Meta Selic no Focus não sofreram alterações. Para o final de 2024, a taxa continuou em 10,50% a.a. (10,50% a.a. há 4 semanas). Com reduções de -0,25 p.p. em maio, junho, setembro e dezembro, a Selic alcançaria 9,50% a.a. ao final de 2025 (9,50% a.a. há 4 semanas). O ciclo de flexibilização terminaria em 2026 em 9,00% a.a. (9,00% a.a. há 4 semanas), mantendo-se nesse patamar até o encerramento de 2027 (9,00% a.a. há 4 semanas).

Acompanhando a força do mercado de trabalho, indicadores de atividade e evolução mais favorável do crédito, as projeções para a expansão do PIB em 2024 avançaram de 2,11% para 2,15% (2,09% há 4 semanas). Com a expectativa da manutenção dos juros básicos em nível mais restritivo por um período maior, a projeção para 2025 reduziu-se de 1,97% para 1,93% (2,00% há 4 semanas). Já para 2026 e 2027, as projeções ainda continuaram em 2,00% (2,00% há 4 semanas).

Com a pressão no mercado de câmbio, a cotação do dólar em reais depreciou-se de R\$/US\$ 5,22 para R\$/US\$ 5,30 ao final de 2024 e de R\$/US\$ 5,20 para R\$/US\$ 5,23 aos finais de 2025 e 2026. Para o término de 2027, a taxa manteve-se em R\$/US\$ 5,21.

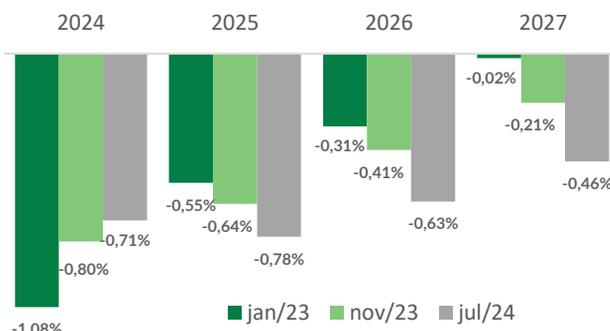
Em um cenário com a divulgação de um contingenciamento de R\$ 3,8 bilhões e bloqueio de despesas de R\$ 11,2 bilhões em 2024, que objetiva o cumprimento das metas do arcabouço fiscal, a projeção para o déficit primário para este ano ainda continuou em -0,70%. Para 2025, o indicador variou de -0,66% para -0,67%, para 2026 de -0,60% para -0,55% e para 2027 de -0,50% para -0,41%.

Com uma visão um pouco mais pessimista do que o Focus, a mediana das projeções para o déficit primário no relatório Prisma Fiscal de julho ficou em -0,71% para 2024 e aumentou para -0,78% para 2025. Para 2026, ficou em -0,63% e para 2027 em -0,46%. Em relação a nov/23, houve uma melhora nas projeções para 2024 e piora para o período entre 2025 a 2027. No que tange às expectativas para o endividamento público, a Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG) passou de 78,80% do PIB em nov/23 para 77,46% para 2024, de 81,20% para 80,10% para 2025, de 83,49% para 82,62% para 2026 e de 85,20% para 84,80% para 2027.

IPCA – Quadro Projeções

IPCA (%)			
Mediana - agregado			
	19/07/2024	Últ. Semana	Há 4 semanas
jul/24	0,28	0,23	0,15
ago/24	0,15	0,11	0,10
set/24	0,20	0,19	0,19
2024	4,05	4,00	3,98
2025	3,90	3,90	3,85
2026	3,60	3,60	3,60

Prisma Fiscal



Economia Internacional

O Livro Bege do Fed assinalou que, entre maio e meados de julho, a atividade econômica nos EUA registrou um crescimento modesto na maior parte dos distritos. Com uma ligeira melhora na oferta de mão de obra, mas ainda exibindo escassez na disponibilidade de trabalhadores, o mercado de trabalho exibiu um relativo crescimento. Como reflexo, os salários cresceram em um ritmo modesto na maioria das regiões. Os preços continuaram aumentando de forma moderada, enquanto os gastos do consumidor permaneceram praticamente estáveis. Devido à incerteza em torno das eleições, política interna, conflito geopolítico e inflação, a expectativa é de que se tenha um crescimento mais lento na economia para os próximos meses.

Ratificando a resiliência do consumo, o Departamento de Comércio dos EUA informou que em junho as vendas no varejo ficaram estáveis na margem, ante uma expectativa de queda de -0,2% do levantamento da FactSet. Adicionalmente, os números de mai/24 foram revisados para cima de 0,1% para 0,3%. Excluindo-se as vendas de automóveis, o setor varejista cresceu 0,4% no mês, ante um consenso de 0,1%. Por fim, o resultado de mai/24 também foi revisado de recuo de -0,1% para acréscimo de 0,1%.

Acima da expectativa de uma alta de 0,3% coletada pela FactSet, a produção industrial cresceu 0,6% na margem em junho, após aumentar 0,9% em mai/24. A taxa de utilização da capacidade instalada avançou de 78,3% para 78,8% em junho. Ainda, a produção industrial de mai/24 foi revisada de uma alta de 0,9% para 0,7% e a taxa de utilização da capacidade, de 78,2% para 78,3%.

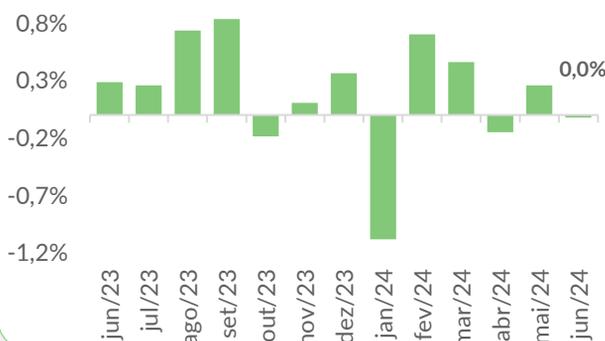
No setor imobiliário, as construções de novas residências caíram -2,2% em junho, para uma taxa anualmente ajustada de 980 mil unidades. Já as licenças para futuras casas recuaram -2,3% no período.

Na semana finda em 13/07, os pedidos de seguro-desemprego aumentaram em 20 mil para 243 mil, resultado acima do previsto pelo *The Wall Street Journal* de 229 mil solicitações. Ainda, a média móvel de 4 semanas fechou em 234,7 mil pedidos, o que representou uma redução de -1,0 mil pedidos em relação à semana anterior

Em decisão amplamente esperada, o Banco Central Europeu (BCE) manteve as principais taxas de juros inalteradas. A taxa de referência ficou em 3,75% a.a., a taxa de refinanciamento em 4,25% a.a. e a taxa de empréstimos em 4,50% a.a.. O comunicado manteve o tom de cautela ao afirmar que as pressões inflacionárias domésticas ainda são elevadas e a inflação de serviços continua alta, o que deixaria a inflação acima da meta até meados de 2025. A expectativa é de que a inflação volte para a meta no médio prazo. Na atualização das projeções, o BCE manteve estimativa de 2,4% para 2024 e de 2,0% para 2025. Para 2026, a previsão caiu de 2,0% para 1,9%. Com retração abaixo da esperada, a produção industrial da Zona do Euro recuou -0,6% em maio, enquanto se previa queda de -1,0%. Confirmando a leitura preliminar, a inflação ao consumidor (CPI) desacelerou de 2,6% a.a. em mai/24 para 2,5% a.a. em junho. Desconsiderando-se as variações de preços de energia e de alimentos, a inflação ficou em 2,9% a.a. em junho, repetindo a variação anualizada de mai/24.

Na China, os dados de atividade econômica mostram sinais de desaceleração generalizada, apesar dos esforços do governo para estimular o consumo e resolver a crise imobiliária. As vendas no varejo aumentaram 2,0% em junho ante jun/23, abaixo da alta de 3,7% em mai/24. Já a produção industrial desacelerou de 5,6% para 5,3% em junho na comparação interanual. De forma inesperada, mas respondendo a desaceleração do crescimento do PIB, o Banco do Povo da China reduziu as taxas de juros de referência para empréstimos (LPR) de 5 anos de 3,95% a.a. para 3,85% a.a.. Já a de 1 ano caiu de 3,45% a.a. para 3,35% a.a.. Em fev/24, a taxa de 5 anos tinha diminuído de 4,2% a.a. para 3,95% a.a., enquanto a de 1 ano era mantida desde ago/23, quando caiu de 3,55% a.a. para 3,45% a.a..

EUA - Vendas no Varejo
Variação mensal - com ajuste sazonal



Fonte: Fred . Elaboração ABBC

Aversão ao Risco

Com os sinais de perda de ímpeto da atividade e do mercado de trabalho nos EUA, cresceu o sentimento de que o processo de desinflação seguirá de forma sustentável, viabilizando o início de flexibilização monetária pelo Fed. Apesar do cenário mais favorável, a semana apresentou uma maior aversão ao risco e volatilidade motivada por fatores políticos, movimento que foi intensificado pela materialização de risco cibernético de impacto internacional.

Na sexta-feira (19/07), a ferramenta FedWatch da CME indicava uma probabilidade de 94,0% de um corte no *Fed Funds* de -0,25 p.p. na reunião de setembro. A chance de mais um corte de -0,25 p.p. na reunião de novembro era 57,5%. Já para dezembro, a probabilidade de que a taxa fique entre 4,50% e 4,75% a.a. era de 49,5% e entre 4,75% e 5,0% a.a. era de 42,0%.

Na semana, paralelamente a deterioração na percepção de risco, houve elevação na rentabilidade dos *T-Notes*. O indicador aumentou em: 0,04 p.p. para 4,49% a.a. para 2 anos, 0,06 p.p. para 4,16% a.a. no de 5 anos; 0,07 p.p. para 4,25% a.a. em 10 anos; e 0,06 p.p. para 4,45% a.a. para 30 anos.

Neste contexto, as principais bolsas internacionais apresentaram perdas na semana, com destaque para: -3,65% na Nasdaq, com as perdas nas *big techs*; -1,97% na S&P 500; -1,18% no FSTE 100; -3,07% no DAX 40; e -2,74% no Nikkei 225 por causa do efeito da elevação da inflação anual nas taxas de juros. Dentre as altas: 0,72% no Dow Jones pela maior sensibilidade e a possibilidade de cortes na taxa básica de juros; e de 0,37% em Xangai com os mercados precificando novas medidas de estímulos à atividade na reunião principal ao final de julho.

Em linha com o aumento da aversão ao risco, a cotação da saca de soja na bolsa de Chicago recuou -3,28% e o preço do minério de ferro em Qingdao caiu -3,00%. Cotado a US\$ 82,63, o preço do barril de petróleo tipo Brent recuou -2,82%, pesando as dúvidas quanto à demanda, intensificada pela debilidade na atividade da China e da Zona do Euro.

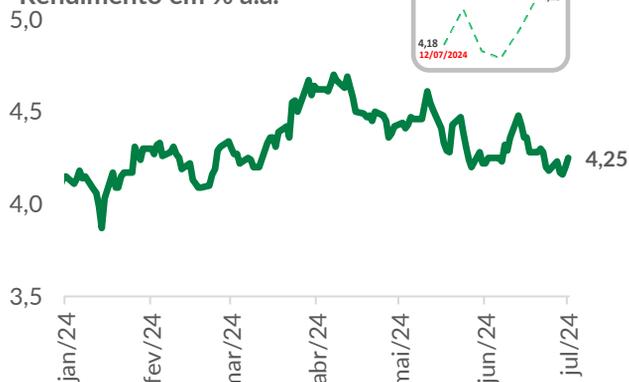
Os receios com relação à trajetória fiscal continuam impactando os ativos locais. Mesmo com o governo anunciando, a contenção de cerca de R\$ 15 bilhões em gastos e sinalizando o seu compromisso com a meta de superávit primário, o risco soberano medido pelo CDS de 5 anos subiu 11,64 bps. na semana para 158,05 bps.. O Ibovespa reverteu sua trajetória de recuperação, fechando com uma queda de -0,99%, retornando ao patamar dos 127 mil pontos.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	19/07/2024	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	127.616	-0,99%	6,12%	8,07%
Nasdaq	17.727	-3,65%	-0,76%	26,05%
S&P	5.505	-1,97%	0,33%	21,39%
Dow Jones	40.288	0,72%	3,74%	14,37%
FTSE 100	8.156	-1,18%	-0,60%	6,67%
DAX 40	18.172	-3,07%	0,58%	12,14%
Nikkei 225	40.064	-2,74%	3,87%	23,31%
Xangai	2.982	0,37%	-1,18%	-5,91%

T-Note de 10 anos

Rendimento em % a.a.



Câmbio

Em consonância com o aumento da aversão ao risco, o dólar ganhou força na semana. O *Dollar Index*, que mede o desempenho da divisa norte-americana frente às moedas de 6 países desenvolvidos, subiu 0,29% no período, refletindo as depreciações de 0,57% na libra esterlina e de 0,23% no euro.

No mesmo sentido, o índice que calcula a variação de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar recuou -1,33% na semana, com destaques para as depreciações de 2,96% no peso colombiano, de 2,44% no peso mexicano, de 1,73% no rand sul-africano, de 0,55% no peso argentino e de 0,15% na rúpia indiana.

Além da volatilidade com o cenário político nos EUA, a recuperação do iene, após sinais de intervenção do Banco Central do Japão (BoJ) impactou a cotação das moedas dos países emergentes. Em uma semana com as moedas dos países emergentes sendo mais penalizadas, o real encerrou com um desempenho aquém da média de seus pares, depreciando-se em 3,10%, com o dólar encerrando cotado a R\$ 5,60. Mesmo com a escalada da divisa dos EUA, o BC manteve sua atuação no mercado cambial com as rolagens dos *swaps* cambiais com vencimento em 02/09/2024.

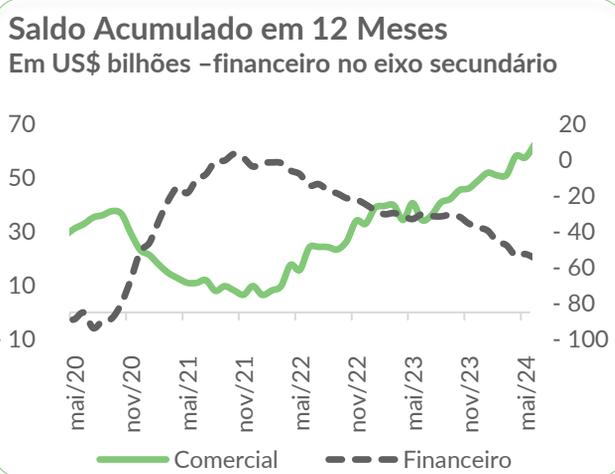
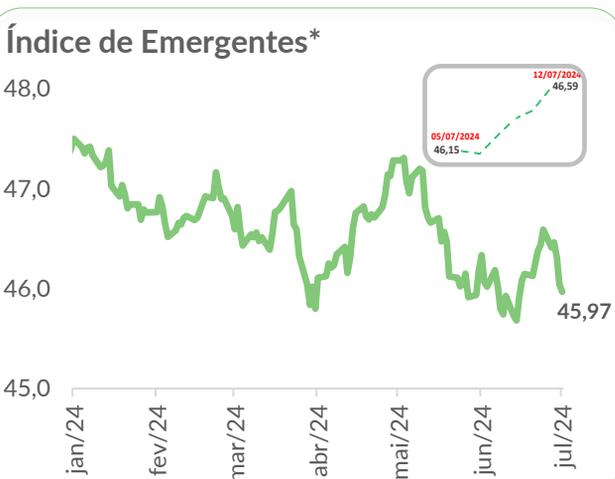
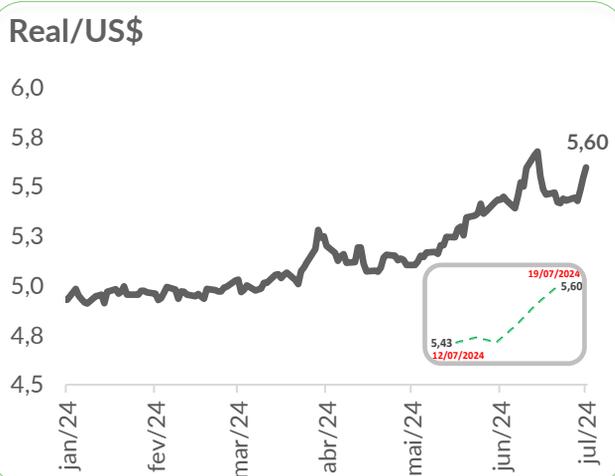
Entre os dias 1 e 12/07, o fluxo cambial registrou uma saída líquida de US\$ -1,23 bilhão, fruto do superavit de US\$ 840 milhões na conta comercial (US\$ 10,24 bilhões em exportações e US\$ 9,40 bilhões em importações) e da saída de US\$ -2,07 bilhões da conta financeira. Considerando-se o saldo acumulado em 12 meses até o encerramento de junho (28/06/24), totalizou US\$ 7,91 bilhões, o que representou elevações de 53,2% na margem e de 91,6% a.a.. Na mesma base comparativa, o saldo comercial acumulado ficou em US\$ 62,53 bilhões, com altas de 8,6% no mês. e de 82,1% a.a.. Por fim, o déficit na conta financeira subiu 4,2% ao mês e 80,8% a.a. para US\$ -54,62 bilhões.

*Cesta do *Dollar Index*:

Euro; Yen; Libra Esterlina; Dólar Canadense; Coroa Sueca; e Franco Suíço.

**Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rúpia indiana e Dólar de Singapura.



Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

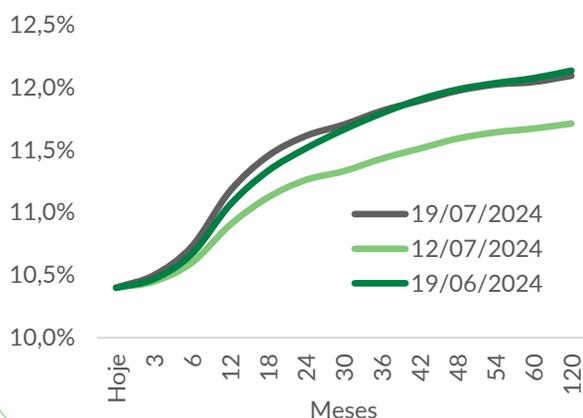
Refletindo as incertezas quanto ao futuro do arcabouço fiscal, mesmo após o anúncio de contingenciamento de despesas pelo Governo, mas fundamentalmente ao avanço nos retornos das *T-Notes*, a Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) encerrou a semana com alta nos prêmios de todos os vértices.

Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa de juros de 6 meses subiu de 10,60% a.a. para 10,73%, a de 1 ano aumentou de 10,90% a.a. para 11,17%, a de 2 de 11,26% a.a. para 11,61%, a de 3 de 11,43% a.a. para 11,81%, a de 4 de 11,59% a.a. para 11,97%, a de 5 de 11,67% a.a. para 12,04% a.a. e a de 10 anos subiu de 11,71% a.a. para 12,09% a.a..

Com a alta semanal de 0,27 p.p. na taxa do *swap* DI prefixado de 1 ano e de 0,05 p.p. na inflação esperada para os próximos 12 meses para 3,74%, a taxa real de juros *ex-ante* fechou em 7,16% a.a., o que representou uma elevação de 0,20 p.p. na semana e de 1,22 p.p. ante o fechamento de 2023, superando em muito os 4,75% a.a. considerado como neutro pelo BC.

Por fim, a medida de inclinação da curva da B3, calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, subiu 0,11 p.p. na semana para 0,92 p.p.. Também registrando elevação, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima, aumentou 0,16 p.p. no período para 1,00 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros (% a.a.)

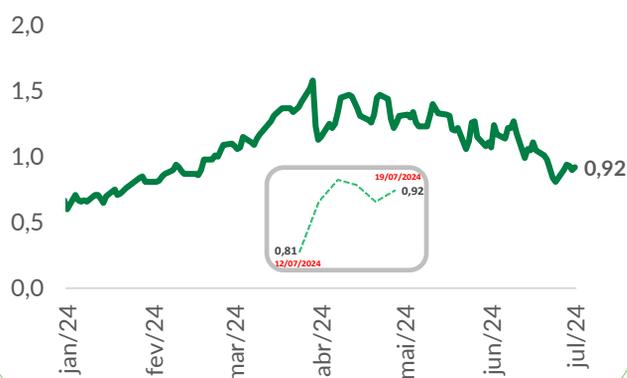


Taxa Real de Juros *ex-ante* (% a.a.)



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos - em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

Boletim MacroFiscal SPE – Jun/24

A última versão do Boletim MacroFiscal da Secretária de Política Econômica (SPE) do Ministério da Fazenda manteve a projeção para o crescimento do PIB de 2024 em 2,5%, como na edição de mai/24, superando a projeção do Boletim Focus de um avanço de 2,1%.

Incorporando os impactos da calamidade no Rio Grande do Sul (RS), a estimativa tem como pressuposto o vigor das vendas no varejo e no volume dos serviços prestados às famílias, na recuperação do mercado de trabalho, e consequentemente da massa salarial, nas condições de crédito menos restritivas e na recuperação dos investimentos.

Considerando os dados das pesquisas mensais do IBGE e o impacto da enchente no RS, a SPE estima um crescimento do PIB de 0,6% no 2T24, com um recuo de -2,4% na agropecuária e crescimentos de 0,5% na indústria e de 0,1% em serviços. Embora fosse mantida a projeção para o ano, houve alteração na composição face aos eventos recentes. Assim, a estimativa para a agropecuária saiu de -1,4% para -2,5%, para a indústria de 2,4% para 2,6% e para os serviços de 2,7% para 2,8%. Para o crescimento do PIB de 2025, a projeção recuou de 2,8% para 2,6%, valor também acima do 1,9% indicado pelo Boletim Focus.

Adicionalmente, com os impactos da calamidade no RS, dos reajustes nos preços da gasolina e do GLP e da mudança da bandeira tarifária energética para amarela de julho até setembro, houve uma elevação nas projeções de inflação para 2024 e 2025. Em relação ao relatório de mai/24, a projeção subiu de 3,7% para 3,9%, com a média dos 5 núcleos acompanhados pelo Banco Central (BC) aumentando de 3,4% para 3,7% para 2025. Tendo como premissa uma desaceleração na alta dos preços livres e monitorados, a projeção do IPCA para 2025 subiu de 3,2% para 3,3%.

Diferentemente do mercado, o relatório aponta uma tendência mais positiva para o médio e longo prazo, acreditando que a desinflação anualizada seja retomada a partir de ago/24, após a inflexão ocorrida em mai/24. Ademais, a SPE vê a inflação caminhando em direção à meta de 3,0% nos anos seguintes, ressaltando a implementação da meta de inflação contínua, que no seu entendimento deverá mitigar os impactos sazonais na condução da política monetária, além de fortalecer o compromisso com a meta.

Com base na mediana das projeções das instituições participantes do Relatório Prisma Fiscal, observou-se uma melhora nas projeções fiscais, ainda que considerando uma maior elevação nas despesas, descolando-se do estresse recente no mercado, que adicionou prêmio de riscos nos ativos locais com o aumento das incertezas na condução fiscal. Entretanto, as medidas provisórias decorrentes da ajuda ao RS podem comprometer as estimativas para o aumento das despesas, do resultado primário e da dívida pública.

Desde o início do ano há uma melhora nas projeções para o resultado primário este ano, apesar de uma ligeira deterioração nos últimos 2 meses. A SPE registrou elevação nas estimativas para a arrecadação federal e receita líquida. O aumento das despesas foi inferior ao da alta projetada nas receitas, assim como uma melhora nas projeções para a DBGG. Com isso, houve uma melhora nas expectativas para o resultado primário em 2024 e uma piora entre 2025 e 2027. Conforme o Prisma Fiscal, não se vislumbra uma expectativa de zerar o déficit primário no período destacado. Contudo, as expectativas do endividamento para 2025, 2026 e 2027 foram revisadas para baixo.

Projeções SPE

	Mai/24	Jul/24
PIB	2,5%	2,5%
Agro	-1,4%	-2,5%
Indústria	2,4%	2,6%
Serviços	2,7%	2,8%
	Mai/24	Jul/24
IPCA 24	3,70%	3,90%
Média 5 núcleos BC 24	3,40%	3,70%
IPCA 25	3,20%	3,30%

Fonte: SPE – Ministério da Fazenda

IGP-10 - Jul/24

Mesmo com os efeitos sazonais e a forte depreciação do real, a inflação do IGP-10 da FGV desacelerou de 0,83% em mai/24 para 0,45% em julho, beneficiada pela menor pressão dos alimentos. Com isso, o indicador acumulou uma alta de 1,63% no ano. Já a variação em 12 meses intensificou-se de 1,79% a.a. em jun/24 para 3,38% a.a. (-7,89% a.a. em jul/23).

O Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) apontou uma alta de 0,49% em julho, taxa inferior à registrada em jun/24, de 0,88%. Analisando-se os estágios de processamento no mês, os Bens Finais elevaram-se em 0,07%, Bens Intermediários em 0,44% e Matérias-Primas Brutas em 0,96%. O movimento na margem decorreu tanto pela desaceleração dos preços dos produtos agropecuários (1,11% para 0,81%), quanto dos industriais (0,80% para 0,37%). Em 12 meses, o IPA subiu 3,14% a.a., ante 1,07% a.a. em jun/24 (-11,51% a.a. em jul/23).

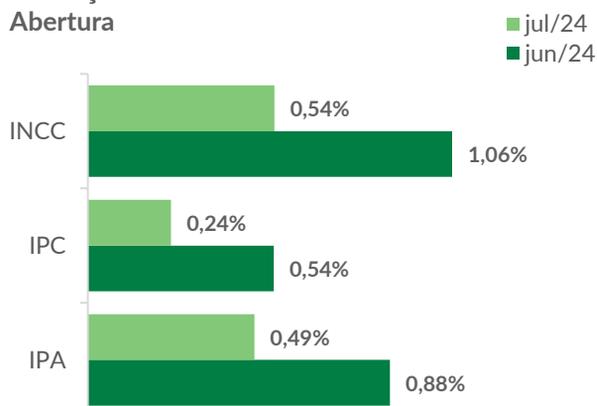
O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) reduziu-se de 0,54% em jun/24 para 0,24% em julho. De suas classes de despesas, 5 de 8 apresentaram decréscimo, sendo estas: Alimentação (0,97% para -0,12%), Habitação (0,52% para 0,14%), Saúde e Cuidados Pessoais (0,75% para 0,41%), Transportes (0,37% para 0,28%) e Comunicação (0,26% para 0,08%). Desta forma, o índice acumulou uma alta de 3,88% a.a., ante 3,65% a.a. em jun/24 (2,24% a.a. em jul/23).

Já Índice Nacional de Custos da Construção (INCC) avançou 0,54% no mês, ante o 1,06% observado em jun/24. Analisando-se seus componentes, o grupo Materiais e Equipamentos diminuiu de 0,45% em jun/24 para 0,38% em julho, o de Serviços recuou de 0,39% para 0,08% e o de Mão de Obra desacelerou de 1,96% para 0,83%. Em 12 meses, o INCC apresentou um avanço de 4,20% a.a., contra 3,65% a.a. em jun/24 (3,44% a.a. em jul/23).

Variação Mensal



Variação Mensal Abertura



Evolução Anual



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

Monitor do PIB – Mai/24

Após uma queda de -0,1% em abril, o Monitor do PIB da FGV apresentou crescimento de 0,3% da atividade econômica em maio, na série livre de influências sazonais. Apontando uma demanda interna mais aquecida, o resultado mensal foi fortemente influenciado pelo desempenho do consumo das famílias, que registrou em maio a maior alta do ano, e dos investimentos. No entanto, do ponto de vista da produção, não se observou uma alta da mesma intensidade. Considerando-se a comparação interanual, o crescimento econômico foi de 1,3% no mês e de 1,9% no trimestre móvel findo em maio.

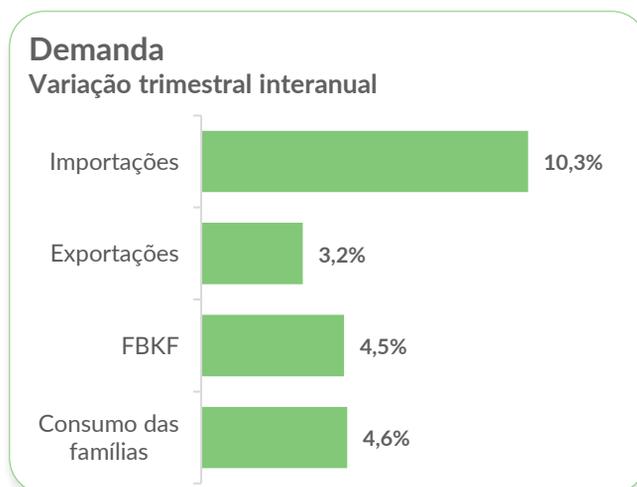
Na análise desagregada dos componentes da demanda na série trimestral interanual, o consumo das famílias apresentou alta de 4,6%, mantendo crescimento em todas as suas categorias, porém em maior intensidade no consumo de serviços e de produtos não duráveis. No entanto, em relação ao trimestre móvel findo em abril, é possível notar uma desaceleração.

A Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) cresceu 4,5% na mesma base comparativa. Mantendo-se o padrão do trimestre móvel anterior, todos os seus componentes contribuíram positivamente para esse resultado, porém o segmento de construção civil apontou desaceleração na contribuição para esse crescimento.

Perdendo forças em relação ao resultado do trimestre móvel findo em abril, as exportações avançaram 3,2% no trimestre imediatamente seguinte, causado principalmente pela queda nas exportações de produtos agropecuários, seguido pelos produtos de extrativa e de bens de consumo. Por fim, na mesma base comparativa, as importações cresceram 10,3%, puxado pela alta de todos seus componentes, com destaques para importação de serviços e de bens intermediários.



Fonte: FGV. Elaboração ABBC



Demanda por Crédito - Serasa - Mai/24

A demanda por crédito das empresas, divulgada pelo Serasa, apontou queda de -3,9% na margem em maio, após recuar -0,9% em abr/24. Dentre os setores, destaque para o recuo de -4,4% no mês na indústria, após ter crescido 1,5% em abr/24. Já os setores de comércio e de serviços retraíram-se 3,6% cada no mês, após as quedas respectivas de -0,3% e -2,2% em abr/24.

Ao observar por porte de empresa, notou-se uma maior queda na demanda das Micro e Pequenas Empresas (MPE), que recuou -4,0% em maio, contra -0,7% no mês anterior. As Médias (-1,6%) e as Grandes (-0,2%) também apontaram desaceleração na demanda por crédito, mas em menor intensidade em relação a abr/24, considerando as respectivas retrações de -9,5% e -3,4%.

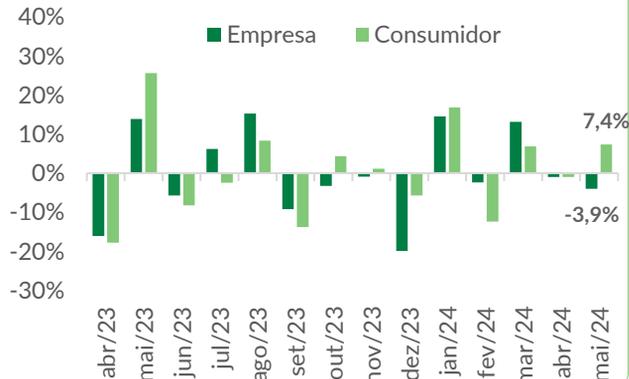
Com os resultados mensais negativos, a série com a variação do acumulado em 12 meses mostra trajetória descendente. O indicador para as empresas saiu de uma alta 4,0% em abr/24 para 3,7%. Entre os setores, serviços variou de 7,0% em abr/24 para 6,7%, indústria de 1,0% para 0,7%, comércio de 0,8% para 0,5% e as demais empresas de 8,1% para 7,6%. Ao levar em consideração o porte, na mesma base comparativa, as MPE variaram de 3,9% para 3,6%, as médias de 2,8% para 3,3% e as grandes de 10,3% para 10,0%.

Do lado dos consumidores a demanda por crédito subiu em maio, passando de -0,9% em abr/24 para 7,4%. Esse resultado se deu pela maior demanda dos consumidores com faixa de renda até R\$ 500, cuja demanda oscilou de -1,3% em abr/24 para uma alta de 8,1%. Destaque também para a faixa entre R\$ 500 e R\$ 1.000, variando de -1,1% em abr/24 para uma alta de 7,5%.

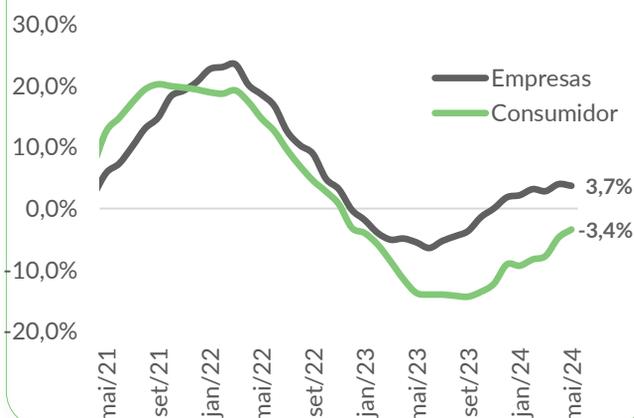
No acumulado em 12 meses o indicador reduziu seu ritmo de queda, ao passar de -4,7% em abr/24 para -3,4%. Por faixa de renda, a maior retração no período foi observada nos consumidores com renda de até R\$ 500 (-5,0%).

Variação Mensal

Abertura

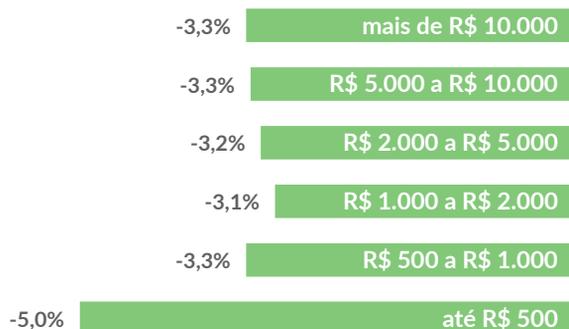


Acumulado em 12 meses



IDC - Por Faixa de Renda

Variação anual do acumulado em 12 meses



Fonte: Serasa Experian. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	2,1
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	10,1
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	6,9
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	4,2
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	3,4
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	10,50
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	81,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	-39,9
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	70,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	5,30
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	-0,7
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	-7,2
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	64,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	78,0



Diretoria de Economia, Regulação e Produtos



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688